

AGRUPAMENTOS PRODUTIVOS: UMA EXPERIÊNCIA NAS SALAS DE SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA DOM VICENTE- JUAZEIRO DO NORTE/CE

Autora: Clevania Almeida Benevides Pereira

Co-autora: Maria Claudenice de Siqueira

*Professora e coordenadora pedagógica da Educação Básica, Prefeitura de Juazeiro do Norte/Ce,
clevaniabenevides2014@hotmail.com*

*Professora e coordenadora pedagógica da Educação Básica, prefeitura de Juazeiro do Norte/Ce,
mariaclaudenicesiqueira2gmail.com*

Resumo: Apresenta-se nesse trabalho o resultado parcial da experiência nas salas do segundo ano da Escola Municipal Dom Vicente de Paula Araújo Matos, na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará. Faz-se aqui uma amostragem de um relato de experiência no processo de alfabetização e escrita com agrupamentos produtivos para se recuperar alunos com dificuldades na escrita. O projeto é para todo o ano letivo de 2018, significando que ainda está em andamento. Portanto as conclusões e debates aqui apresentados são parciais. Existe ainda nesse material, sugestões de atividades para cada hipótese alfabética e o caminhar do planejamento do projeto, cuja as autoras são coordenadoras pedagógicas da rede pública de ensino da cidade de Juazeiro do Norte e buscam contribuir para que se eleve a proficiência leitora e escrita nos índices de avaliações do município, assim como auxiliar outros profissionais com o mesmo objetivo.

Palavras-chaves: agrupamento, nível, alfabetizando, alfabetizadores.

Introdução:

Ultimamente muito tem se falado em agrupamento produtivo, que consiste em agregar alunos em diferentes níveis de escrita para que possam interagir e assim, juntos, construir e trocar conhecimentos, entendendo que a aprendizagem não acontece de forma isolada e individual, mas na interação entre os sujeitos e o objeto. Há nesse momento uma troca de conhecimentos, e conseqüentemente um avanço na aprendizagem. O trabalho em grupo é muito importante em todas as fases de desenvolvimento da criança e como afirma Russo, 2012 “*É uma das estratégias mais úteis à aprendizagem porque, quando as crianças ficam juntas, trocam ideias, ensinando e aprendendo naturalmente, sem inibições e preconceitos.*” (p. 258).

Foi a partir de um diagnóstico inicial que se pode perceber que a maioria dos alunos do 2º ano do ensino fundamental da escola Dom Vicente não estava no nível alfabético esperado na proficiência leitora e escrita.

Tem-se na escola 96 alunos matriculados nas segundas séries, divididos em dois turnos e quatro salas, tendo aproximadamente 24 alunos em cada sala. Desses alunos, numa avaliação diagnóstica ao iniciar o ano letivo, 27 alunos ainda estavam no nível pré-silábico e 32 no silábico, sendo que 18 considera-se silábico sem valor sonoro (intermediário) e 14 silábico com valor sonoro convencional.. Ou seja, mais da metade do alunado não estava avançado no processo alfabético. Dos 37 alunos restantes, apenas 11 estavam no nível alfabético, portanto, 26 no silábico- alfabético, nível considerado razoável para a faixa etária. Nenhum ainda escrevia ortograficamente e nem produzia textos.

Muito se discutiu sobre estratégias para intervir no problema. As autoras desse trabalho, como coordenadoras dessas turmas, estudaram, juntamente com os professores alfabetizadores como conseguir nivelar esses alunos de forma a conseguir êxito no processo de alfabetização para que se pudesse chegar ao fim do ano letivo senão com cem por cento dos alunos alfabetizados, mas com sua grande maioria.

Através de estudos sobre o sócio-interacionismo desenvolvido por Vigotski, entendemos que experiência do agrupamento por níveis diferentes de aprendizagem seria uma estratégia otimista para que pudéssemos alcançar nosso objetivo, avançar na proficiência leitora e escrita nos alunos do segundo ano do ensino fundamental.

Esse documento tem por finalidade discutir a importância dos agrupamentos produtivos no processo de alfabetização, e no caso aqui especificamente nas salas de 2º ano do ensino fundamental.

O objetivo claro nesse projeto é fazer uma amostra das ações feitas para nivelar as turmas, assim como trazer estratégias que foram consolidadas no caminhar dessa proposta. Além disso, pretende-se apresentar os resultados obtidos até o presente momento, pois são ações contínuas que permanecerão durante todo o ano letivo.

Metodologia

A princípio foi feita uma avaliação diagnóstica da escrita para sabermos o nível alfabético de cada aluno. Essa avaliação é comum em nossa escola já na primeira semana de aula. Optamos pela avaliação de quatro palavras e uma frase baseado nos estudos de Emília Ferreiro, onde dita-se quatro palavras em ordem decrescente de sílabas de um mesmo campo semântico. Ex: tartaruga, macaco, sapo e rã (palavras pertencentes ao grupo de animais). Em seguida, dita-se uma frase com estrutura silábica simples com uma das palavras do ditado.

A avaliação é uma ferramenta muito importante nessa fase, pois faz com que o professor conheça seus alunos e crie estratégias para cada nível, de acordo com a evolução de cada um. É ainda uma forma de demonstrar atenção com o processo de aprendizagem do seu aluno. Não se pode conceber a avaliação como uma prática que rotula ou discrimina, muito pelo contrário, ela tem que acolher e agregar. Para Luckesi (2005), a avaliação é um instrumento norteador, de mediação, onde professor e aluno se envolvem no processo de crescimento da aprendizagem:

A avaliação, enquanto mediação significa encontro, abertura ao diálogo, interação. Uma trajetória de conhecimento percorrida num mesmo tempo e cenário por alunos e professores. Trajetos que se desencontram, por vezes, e se cruzam por outras, mas seguem em frente, na mesma direção (2005, p. 40).

Após o momento de avaliação e diagnóstico, os professores fizeram a separação por níveis das hipóteses de escritas. Nesse momento foram estabelecidos critérios para se formar agrupamentos produtivos. Ficou combinado que seriam feitos agrupamentos por duplas em sala de aula com hipóteses de escritas aproximadas, porém em níveis diferentes. Os agrupamentos seriam mantidos todos os dias, por pelo menos duas horas, onde seriam feitas atividades com essas duplas de alunos. Importante frisar, que a escolha das duplas foi feita, além do nível, também por afinidade entre eles. Entendeu-se que conhecer a personalidade de cada aluno faz também parte do processo de planejamento de ações, de forma a facilitar a aprendizagem entre os grupos.

As duplas ficaram separadas por níveis de escrita aproximada, como relata-se a seguir:

- Grupo 1: alunos em hipóteses pré-silábica + alunos em hipótese silábica sem valor sonoro.
- Grupo 2: alunos em hipótese silábica sem valor sonoro + alunos em hipótese silábica com valor sonoro.
- Grupo 3: alunos em hipótese silábica com valor sonoro + alunos em hipótese silábico-alfabética.

- Grupo 4: alunos em hipótese silábico- alfabética + alunos em hipóteses alfabética.

Esses níveis ou hipóteses alfabéticas é resultado dos estudos feitos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) sobre o caminho que a criança percorre para sua alfabetização se concretizar. Essas contribuições ajudaram os professores alfabetizadores a entender em qual nível seu aluno está e quais estratégias a serem tomadas para que se possa passar para o nível seguinte. A intenção das autoras foi trazer “*novos elementos à teoria da psicogenética do conhecimento e que alguns dos resultados encontrados ajudem a reestabelecer a prática pedagógica do ensino da leitura e da escrita.*” (Ferreiro e Teberosky, 1999, p. 273).

O planejamento das atividades é feito semanalmente nas horas atividades (HA) dos professores alfabetizadores. As coordenadoras, autoras desse trabalho, trazem continuamente atividades voltadas para cada nível de escrita, onde os docentes separam para os devidos grupos. Abaixo listaremos algumas atividades com seus repetíveis níveis:

- Nível pré-silábico: nessa fase, o alfabetizando não associa a fala e a escrita, escreve garatujas, desenhos e rabiscos para representar a escrita. “*Nesse nível, escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma.*” (Ferreiro e Teberosky, 1999, p 193). Nessa fase é importante que as atividades sejam com o próprio nome e o nome dos colegas. A primeira letra do nome sempre deve ser frisada. Algumas sugestões:
 - ✓ Crachás com o nome de cada um, preferencialmente com a letra maiúscula e de imprensa.
 - ✓ Bingo de letras
 - ✓ Alfabeto móvel para construção do seu nome
 - ✓ Atividades que distingam nomes e numerais
 - ✓ Dominó com iniciais dos nomes da turma
 - ✓ Atividades significativas como a escrita do nome, objetos do seu convívio, alimentos, etc.
 - ✓ Lista de palavras associados a desenhos representando-as.
 - ✓ Atividades para reconhecer a letra inicial e final de palavras significativas, etc
 - ✓ Confeccionar gráficos de colunas com os nomes seriados em ordem de acordo com o número de letras. Classificar os nomes pelo número de letra, pela letra inicial ou final. (Prefeitura de Piraquara, 2017)
- Nível silábico sem valor sonoro: Também chamado de fase intermediária, nesse nível, o alfabetizando, segundo Russo, 2012, “*começa a ter consciência de que existe alguma relação entre a pronúncia e a escrita... pode conhecer ou não os nomes e/ou os sons das letras do seu próprio nome, principalmente a inicial.*” (p.36). Essa fase é muito importante, porque é a partir daí que a criança observa que a palavra é constituída de partes.
- Nível silábico com valor sonoro: Nessa fase a criança começa já percebe que a escrita é a representação da fala, porém, de acordo com Russo, 2012: “*Ela pode ter adquirido ou não a compreensão do valor sonoro convencional das letras... Supõe que deve escrever tantos sinais quantas forem às vezes em que mexe a boca, ou seja, a cada sílaba oral corresponde uma letra ou um sinal.*” (p.37)

Abaixo, algumas atividades que podem ser usadas nessas fases:

- ✓ Circular nomes de figuras
- ✓ Ligar figuras e escrever o nome delas

- ✓ Escrever o nome das figuras separando ora em letras, ora em sílabas
 - ✓ Cruzadinhas
 - ✓ Dominó
 - ✓ Trocar as letras de uma palavra para formar outra
 - ✓ Utilização de letras e sílabas móveis
 - ✓ Relacionar personagens a partir do nome escrito
 - ✓ Relacionar figura à palavra, reconhecendo a letra inicial.
- **Nível silábico- alfabético:** nesse estágio da escrita, o alfabetizando compreende distintamente que a escrita representa o som da fala, ainda que possa não atribuir valor sonoro a todas as letras. É comum ele *combinar vogais e consoantes em uma mesma sílaba, na tentativa de combinar sons, sem tornar, ainda, sua escrita socializável- por exemplo, para representar a palavra CAVALO, escrever CAVO, CVAO, CAVA.* (Russo, 2012, p. 38).
 - **Nível alfabético:** De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), nessa fase *a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba...* (p. 214). Ou seja, ela já entende como se constrói o código da escrita e progride no processo de escrita, apesar de ainda não escrever todas as palavras com escritas convencionais, ou seja, ortograficamente.

Listaremos abaixo algumas sugestões de atividades para esses níveis:

- ✓ Escrita de texto de memória
- ✓ Leituras diversas
- ✓ Escrita de listas de palavras de acordo com o convívio do aluno
- ✓ Caça-palavras
- ✓ Texto fatiado
- ✓ Reescrita de textos
- ✓ Produção textual com gravuras
- ✓ Sequencia de figuras para construir textos
- ✓ Jogo da memória om palavras
- ✓ Ditados diversos

As sugestões de atividades acima foram combinadas para que possam atingir as duplas. A ideia é que quem está mais avançado no nível de escrita ajude ao que está mais atrasado. Sabemos, porém que cada criança tem seu tempo de aprender, e deve-se respeitar esse tempo instigando e motivando o alfabetizando. À medida que as duplas vão progredindo, através de avaliações contínuas, vão se aprofundando os níveis das atividades, e até mesmo trocando de duplas para que se possa chegar ao aprendizado com eficácia. Cabe ao professor ter um olhar atento para cada avanço, para cada indivíduo. O papel do professor e sua sensibilidade são de suma importância, pois cabe a ele avaliar e motivar, inovar e instigar.

Resultado e discussões

Nosso município teve entre os anos de 2014 e 2016 sucessivas greves, o que fez nosso ano letivo até agora estar atrasado em relação ao calendário escolar. Por essa razão, estamos ainda entrando para o terceiro bimestre do ano letivo de 2108. Começamos esse projeto por volta do final de maio do ano em curso.

Pode-se perceber que o agrupamento, para ser produtivo, deve ser feito com muito planejamento e atenção. A princípio foi necessário fazer algumas trocas das duplas, as afinidades não eram exatamente como a professora de sala imaginava, e vimos que essa é uma

etapa importante para que se tenha êxito nos objetivos propostos. A avaliação e o cuidado dessa ser contínua é sem dúvida um passo muito significativo na proposta aqui exposta.

Notamos que a escolha para as atividades propostas é de sumo valor. Precisamos sempre reavaliá-las e mediar.

O grupo um classificado nesse trabalho como os alfabetizando pré-silábicos, juntos com os silábicos sem valor sonoro, foi o grupo que precisou de mais atenção por parte dos alfabetizadores. Porém, existe hoje nesse grupo apenas cinco alunos pré-silábicos, onde temos procurado ajuda com profissionais na psicopedagogia e áreas afins, pois relatamos algumas evidências de distúrbios durante o ano. No intermediário e silábico com valor sonoro convencional, há ainda nove. Mesmo assim, vemos como um resultado bastante positivo, porém ainda não conclusivo para a série em curso.

Visivelmente foi considerado êxito nos agrupamentos. Observamos que as crianças que estão mais avançadas na escrita se motivaram a aprender mais e a “ensinar” o colega, onde a fala deles se aproximam e eles se sentem mais a vontade para perguntar e interagir, apesar do professor estar sempre mediando e inovando nas atividades.

Com isso, os alfabetizando em nível alfabético, evoluíram cem por cento para o ortográfico, produzindo textos de diversos gêneros ortograficamente, com coesão, coerência e pontuação. Consideramos um grande avanço conquistado, apesar de termos ainda doze alfabetizando silábicos alfabéticos. Antes eram apenas onze na hipótese alfabética, na última avaliação, evoluímos para cinquenta e nove que estão no caminho de se considerar alfabetizados e letrados, chegando em um terceiro ano preparados para cumprir o currículo da série. Estimamos que ao final do ano letivo, noventa por cento do alunado do segundo ano estará alfabetizado.

Conclusão

Apesar de o projeto estar ainda em andamento, nota-se uma constante motivação por parte dos alfabetizadores e coordenação nos resultados que está se obtendo. Sempre nos planejamentos é comum as professoras estarem planejando de acordo com os agrupamentos. Hoje essa é uma prática da nossa escola nas salas dos segundos anos. Algumas professoras que também ensinam outras séries já levaram a prática para suas classes, adequando a cada realidade das salas.

Percebemos claramente que o planejamento precisa ser feito e alinhado às necessidades individuais e dos grupos. Para isso é necessário que o professor alfabetizador se preocupe não somente com as atividades a serem sugeridas, mas à adequação ao nível e tempo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo de cada aluno. O ambiente da sala precisa ser propício e acolhedor. Nesse processo é muito importante a visão do bom alfabetizador e a sua disponibilidade de propiciar e mediar o aprendizado em grupo, estabelecendo regras e limites. A fala de Russo, 2012, é muito pertinente quando ela diz que:

Existem regras para qualquer atividade em grupo, na escola ou fora dela, e cabe ao professor mostrar a necessidade de obedecer a essas regras para um trabalho específico em classe, usando sua melhor estratégia. É preciso estimular principalmente o respeito ao colega, ao grupo menor da classe. (p. 259)

Por fim, concluímos que estamos no passo certo, que o trabalho está sendo feito e que os resultados estão surgindo. Esperamos além de tudo tornar essa uma prática pra todos os anos seguintes, regando com mais inovações e introduzindo desde cedo a leitura e a diversidade de textos antes de qualquer medida apresentada, pois é através do convívio de um mundo leitor que podemos

alçar voos cada vez mais altos para termos uma sociedade que faz uso da língua portuguesa com propriedade e funcionalidade.

Referências bibliográficas

SÃO PAULO, Secretaria de educação do estado. Escola de formação. **Organização dos alunos para as situações de recuperação das aprendizagens: uma conversa sobre agrupamentos produtivos em sala de aula**. Disponível em pdf. Acesso em 13 de setembro de 2018.

FERRREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artmed, 1999.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, leitura e escrita. Formação de professores em curso**. Ática, São Paulo, 2010

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

PIRAQUARA, Secretaria de educação. **Sugestões de Atividades para cada nível de Escrita**, 2017. Disponível em pdf. Acesso em 15 de setembro de 2018.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**. São Paulo, Saraiva, 2012.